

Metáfora e mudança semântica do arranjo [V por terra]

Metaphor and semantic change to the arrangement [V por terra]

Morgana Fabiola Cambrussi¹
Adriana Hoffmann²

Resumo: Neste artigo, investigam-se as mudanças de sentido do arranjo [V por terra] no seu processo de construcionalização, com foco nos sentidos metafóricos identificados em usos que indicam expansão semântica. A base teórica que orientou esta pesquisa foram os princípios da Gramática de construções, teoria que compreende o conhecimento linguístico do falante como uma rede de construções, ou seja, pares FORMA-SIGNIFICADO, abrangendo todos os níveis linguísticos. Além disso, a Teoria da Metáfora Conceitual nos orienta em relação à convencionalização dos sentidos metafóricos da construção [V por terra]. O corpus analisado pertence ao segmento Gênero/Histórico do Corpus do Português e compreende um conjunto de 779 ocorrências, distribuídas no período histórico dos séculos XIV a XX. O estudo indica que o arranjo [V por terra] passou por um processo de construcionalização, dando origem a um novo pareamento entre forma e função. Diante disso, o objetivo do trabalho é analisar como ocorreram as transformações diacrônicas que afetaram o sentido do arranjo [V por terra] e descrever a contribuição das metáforas no processo de mudança. Os resultados dessa análise indicaram que foi determinante a atuação de três metáforas primárias no processo de mudança semântica, sendo TEMPO É ESPAÇO e RUIM É PARA BAIXO duas metáforas de base para o mapeamento conceitual e POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO uma metáfora que resulta *a posteriori*, representando as funções mais abstratas do arranjo.

Palavras-chave: Construcionalização. Metáfora. Gramática de construções diacrônica.

Abstract: This article proposes an investigation of meaning changes to the arrangement [V por terra] in its constructionalization process, focusing on metaphorical meanings identified in uses that indicate semantic expansion. The theoretical basis that guided this research was the principles of Construction Grammar, a theory that understands the speaker's linguistic knowledge as a network of constructions, that is, FORM-MEANING pairs encompassing all linguistic levels. Additionally, the Conceptual Metaphor Theory guides us regarding the conventionalization of the metaphorical meanings of the arrangement [V por terra]. The corpus analyzed here is part of the genre/history of *Corpus do Português* (a large full-filled corpora of Portuguese) and comprises a set of 779 occurrences, distributed between the 14th to the 20th centuries. The study indicates that the arrangement [V por terra] went through a constructionalization process, provoking a new pairing between form and function. Therefore, the objectives are to analyze how diachronic transformations that affected meaning to the arrangement [V por terra] occurred.

Keywords: Constructionalization. Metaphor. Grammar of diachronic constructions.

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Curso de Graduação em Letras. Chapecó, SC, Brasil. Endereço eletrônico: morgana@uffs.edu.br.

² Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Chapecó, SC, Brasil. Endereço eletrônico: adrihoffmann@estudante.uffs.edu.br.

Introdução

Através de análises principalmente orientadas diacronicamente, que tendem a se concentrar na identificação de mudanças parciais discretas que envolvem características de um padrão mais amplo, podemos conhecer a gradualidade da mudança linguística e responder questões sobre a natureza do conhecimento linguístico dos falantes e a sua reorganização ao longo do tempo. A abordagem construcional potencializa essas análises, pois não separa a forma linguística de seu significado, função e princípios de uso, mas, em vez disso, toma essas dimensões como um todo integrado – uma construção – ou seja, um padrão convencional de compreensão dos falantes.

Uma das preocupações da Gramática de Construções Diacrônica é identificar mudanças na relação entre forma e função dentro de um determinado padrão linguístico e, sob essa perspectiva teórica, este artigo propõe-se a analisar as mudanças de sentido do arranjo [V por terra] no seu processo de construcionalização, com foco nos processos metafóricos envolvidos.

Entendemos que o arranjo [V por terra] passou por um processo de construcionalização, dando origem a um novo pareamento simbólico e convencional da língua portuguesa, exemplificado em (3). Acreditamos que esse processo de expansão semântica até a construcionalização tenha se dado com o nome “terra”, que passa a designar não só uma parte da superfície terrestre, por onde normalmente se desenvolve uma trajetória (1), mas um ponto de culminação para uma mudança de posição e, posteriormente, para uma consequente mudança de estado em decorrência do evento, em que ser posto por terra significa ser destruído, como em (2), ou chegar ao fim. Na nova forma convencionalizada, a noção de mudança de estado locativo desaparece e inferimos apenas uma mudança aspectual, como em (3), em que algo antes tomado como verdadeiro (os mitos) é invalidado ou tem seu fim definido, marcando um ponto de culminância temporal.

- (1) E desta guisa foron vencidos os mouros das galees que levavam a balsa. Mas os outros mouros que **viinham per terra** en guarda della, de hũa e da outra parte do ryo acharonse con os cristãos e lidaron con elles e foron os mouros vençidos. E tornaron costas e começarõ de fugir e os cristãos empos elles, matando e derribando de cada parte do ryo (CHdP: Crônica Geral da Espanha, 1344)
- (2) (...) contra os fermosos templos e sumptuosos edificios o tremor da terra que per muitas vezes em diversas partes tem **posto por terra** muitos edificios e cidades (CHdP: Obra completa, Gil Vicente, 1562).
- (3) O manual **derruba por terra**, com argumentos inteligentes e muita ironia, os velhos mitos latino-americanos do anti-americanismo, das justificativas da pobreza do continente devido à exploração dos países ricos (CHdP: Perfeito Idiota, 1997).

Sabemos que, além de alterações no significado do esquema já existente, para que tenhamos o surgimento de uma nova construção, conforme Traugott e Trousdale (2013), é

necessário observar mudanças na forma. No caso de [V por terra], observamos restrições morfológicas, tais como a impossibilidade de a preposição *por* contrair-se com artigos e o impedimento de usarmos o nome *terra* no plural para que os novos significados sejam inferidos. Observamos também que os arranjos sintáticos em que a construção aparece, indicando o novo significado convencionalizado, são mais restritos do que aqueles nos quais a sequência [V por terra], em seu sentido fonte, apresenta-se. Entretanto, o objetivo deste trabalho é analisar como ocorreram as transformações diacrônicas que afetaram o sentido do arranjo em questão até a consolidação da nova construção e a atuação das metáforas no decurso dessas mudanças.

Nossa hipótese é a de que, nesse processo de expansão semântica e mudança construcional de sentido, a ativação de certas metáforas desempenha um papel determinante. A ideia de que algo foi por terra, o ponto mais baixo do nosso corpo, infere um sentido negativo de destruição e está relacionada à metáfora orientacional RUIM É PARA BAIXO. Além disso, a ideia de movimento (deslocamento) espacial interpretado no arranjo em seu sentido original passa a ser interpretado como passagem do tempo, sendo que o sintagma “por terra” funciona como uma barreira física para uma mudança aspectual: o fim de um evento (efeito télico) e, neste caso, observamos a influência da metáfora conceitual TEMPO É ESPAÇO.

Os dados analisados para investigação são provenientes do Corpus do Português, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Neste portal eletrônico, estão disponíveis três *corpora* distintos, sendo que, para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos o segmento Gênero/Histórico (doravante CHdP) para compor nosso *corpus* diacrônico. Essa base de dados compreende os anos de 1300 a 1900, com textos em Português Europeu e Brasileiro, sendo que realizamos nossa pesquisa sem restringir nenhum período. O *corpus* Gênero/Histórico possui uma ferramenta de busca na qual empreendemos a pesquisa pelo arranjo [V POR TERRA], todo em maiúsculas, pois, dessa forma, a ferramenta também busca por formas flexionadas que se encontrem associadas a essa unidade base. Levamos em conta também as diferentes grafias, como *hir* (verbo ir).

Foram encontradas, ao todo, 779 ocorrências da construção pesquisada, em textos escritos dos séculos XIV a XX, cuja divisão por século encontra-se no Quadro 1. Empreendemos, então, uma análise qualitativa dos dados acerca dos contextos de uso da construção para verificar os textos nos quais a expressão era utilizada em sentido referencial (dicionarizado) e aqueles em que um novo sentido de ponto de término de um evento ou a invalidação de uma ideia já estava convencionalizado. Entre esses dois polos, encontramos usos nos quais é possível perceber extensões metafóricas de sentido, que não constituem ainda uma nova construção, mas que, possivelmente criaram o caminho propício para o seu desenvolvimento, conforme veremos nas análises.

Gramática de construções diacrônica

A Gramática de Construções surge da preocupação em encontrar um lugar para as expressões idiomáticas no conhecimento de linguagem do falante e da ideia de que a não-composicionalidade é mais presente na linguagem do que se poderia pensar. Unidades idiomáticas são, segundo a GC, construções complexas cujo significado não pode ser totalmente derivado de suas partes, constituindo pares não convencionais de forma-significado que precisam ser aprendidos e armazenados pelos falantes. Temos, portanto, uma ampliação da aplicação do signo saussuriano, em que a relação simbólica arbitrária entre forma e significado não é apenas útil para a descrição de palavras, mas para a representação de unidades portadoras de significado de tamanhos variados e em diferentes níveis de abstração. Esta noção ampliada do signo saussuriano tornou-se conhecida como 'construção' (que inclui morfemas, palavras, expressões idiomáticas, bem como padrões frasais abstratos) e as várias abordagens linguísticas que exploram esta ideia foram, portanto, rotuladas de Gramática de Construção (Hoffmann, 2017).

Sob essa perspectiva teórica, as construções são as unidades básicas da linguagem humana e a gramática mental dos falantes é uma rede de construções esquemáticas. A ativação desses esquemas fundamenta um conjunto particular de enunciados. Nosso conhecimento da linguagem é composto, portanto, por uma rica rede de construções parcialmente sobrepostas, que são aprendidas para transmitir a variedade de mensagens sobre as quais as pessoas escolhem falar (Goldberg, 2003).

De acordo com Goldberg (1995), qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou significado não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Sua tese central, portanto, é a de que construções carregam significado independentemente de padrões gramaticais ou do significado isolado das palavras presentes. A não previsibilidade está intimamente ligada às noções de idiomaticidade e não composicionalidade, que também são frequentemente utilizadas para defender o estatuto de construção de um padrão.

Nas pesquisas em Gramática de Construções, iniciou-se uma vertente de trabalhos focada nas questões da mudança linguística³, particularmente em como nosso inventário de construções (*constructicon*) muda ao longo do tempo à medida em que novas construções surgem e construções antigas caem em desuso. Surge, assim, a Gramática de Construções Diacrônica, um campo da linguística que adota a perspectiva teórica construcional para o estudo da mudança linguística. Como na GC em geral, as construções tratadas diacronicamente vão desde aquelas totalmente especificadas lexicalmente até aquelas

³ Conferir Bybee (2010), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2013, 2021), Barddal e Gildea (2015), Diessel (2019).

totalmente esquemáticas e seus significados podem ser de natureza mais gramatical ou mais lexical.

O fenômeno que teve mais destaque na Gramática de Construções Diacrônica é o desenvolvimento de novas construções, ou, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), o processo de construcionalização. De acordo com os autores, construcionalização é o processo pelo qual uma nova construção surge na língua, através de mudanças linguísticas que afetam a forma e o significado de uma construção já existente. Quando temos um novo pareamento de forma e função, consolidado pelo uso, estamos diante de uma nova construção e de um novo nó na rede linguística dos falantes.

Traugott e Trousdale (2013) chamam de mudança construcional a sucessão de passos convencionalizados que afetam apenas uma dimensão interna da construção – ou forma ou significado – e antecedem o possível surgimento de uma nova construção. Segundo os autores, essas modificações só podem ser acessadas em retrospectiva (diacronicamente), pois nenhuma mudança construcional que esteja acontecendo em sincronia nos garante que haverá o surgimento de uma nova construção. Se alguma coisa muda ou não, é em função de como as pessoas usam a língua ou do modo como elas avaliam certas expressões.

De acordo com Hilpert (2021), existem outras distinções além de construcionalização *versus* mudança construcional que podem ser muito úteis para o estudo da mudança linguística. O foco do autor são as mudanças nos padrões de associação dos elementos lexicais de uma construção, variações essas que também são objeto de interesse desta pesquisa. Segundo ele, as conexões são tão importantes quanto o surgimento de novas construções e, portanto, a construcionalização representa apenas um subconjunto de todas as mudanças que ocorrem. Segundo Hilpert (2021), a mudança linguística deve ser observada sob várias perspectivas: como construções surgem e desaparecem, como construções existentes mudam de forma e função, como os links das redes construcionais surgem e desaparecem e como os links existentes se tornam mais fortes ou mais fracos. Observamos que tais conexões não se limitam a associações semântico-lexicais, mas também capturam aspectos formais.

O que é consenso na Gramática de construções é as mudanças emergem do uso repetido em contextos específicos, levando ao fortalecimento de conexões, à criação de novas construções e à competição entre formas alternativas. Sendo assim, prioriza-se o uso de dados linguísticos reais representativos de uma língua, produzidos com finalidades comunicativas, obtidos por meio de *corpora*.

De acordo com Barddal e Gildea (2015), no que diz respeito às alterações na forma de uma construção, podemos verificar mudanças nos aspectos fonológicos, morfológicos e/ou sintáticos. Em relação às alterações de significado, podem ocorrer mudanças na semântica lexical de palavras específicas da construção, acrescidas ou não de mudanças na semântica

proposicional. No caso de uma mudança proposicional, é provável que uma nova construção surja, geralmente porque o significado deixou de ser derivável em termos de composição. As mudanças semânticas seguirão as rotas já conhecidas, como extensões de sentido através de metáforas e metonímias, desbotamento semântico e inferências pragmáticas.

Esta pesquisa trata justamente das mudanças de significado que ocorreram na trajetória de construcionalização do arranjo [V por terra] sob a influência de processos metafóricos, que detalharemos a seguir.

Metáfora e mudança semântica

A Teoria da Metáfora Conceitual (Lakoff; Johnson, 1980) será a ancoragem referencial pela qual discutiremos a convencionalização dos sentidos metafóricos da construção [V por terra] no curso das transformações de sentido que, conforme argumentamos, são o percurso da mudança semântica dessa construção. As mais recentes funções do arranjo parecem ser licenciadas e estruturadas por duas metáforas primárias de base para o mapeamento conceitual e uma terceira metáfora primária derivada *a posteriori*: de um lado, TEMPO É ESPAÇO⁴ (metáfora de natureza estrutural, pois o conceito de tempo é elaborado em termos do conceito de espaço) e RUIIM É PARA BAIXO (metáfora de natureza orientacional, pois a orientação e a disposição dos corpos no mundo servem de referência para a criação da metáfora), de outro, POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO (metáfora de natureza ontológica, pois emoções, ideias e eventos abstratos ou relativamente abstratos são explicados a partir de nossa experiência com um elemento concreto – *terra*).

Expressões linguísticas como *seus planos foram por terra* ou *caiu por terra a expectativa de crescimento econômico* não poderiam ser interpretadas literalmente, enquanto *a caravana foi por terra* ainda comporta leitura não figurada, ou seja, nos usos que acionam conceitos metafóricos, estamos diante da metaforização de uma expressão que compartilha inferências concretas do espaço (*a terra, o chão, o limite* definido na experiência corporificada) com conceitos mais abstratos (relacionados ao campo das frustrações, da falha, do equívoco). Ao serem projetadas essas inferências metafóricas de um domínio da experiência humana sobre outro, o arranjo [V por terra] toma do domínio-fonte TERRA o conceito de ponto mínimo, de chão, pelo qual interpretamos o domínio-alvo ruína/término, dando vez à metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO, conforme detalharemos a seguir.

A teoria cognitiva define metáforas primárias como mapeamentos conceituais que ocorrem no âmbito do pensamento humano, relacionados à experiência corporificada, à experiência sensorio-motora e à cultura (Lakoff e Johnson, 1980; Kövecses, 2002). Inserida

⁴ Para uma análise detalhada das três metáforas primárias RUIIM É PARA BAIXO, TEMPO É ESPAÇO e DISCUSSÃO É GUERRA, citadas neste artigo, recomendamos a consulta a Lakoff e Johnson (1980).

nessa compreensão, a metáfora primária POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO espelha o esquema de um pensamento abstrato segundo o qual o ponto abaixo do corpo, representado por terra/chão, é o estágio terminal de algo que se desintegra. Nesse ponto, destacamos haver uma conexão com a metáfora RUIM É PARA BAIXO, conexão essa que reforça a inferência negativa e a identificação de um *frame* de dano sofrido. Já a metáfora primária TEMPO É ESPAÇO ganha proeminência ao interpretarmos o ponto mínimo de localização no espaço (terra) como o final da duração de um estágio temporal. Com isso queremos sustentar que usos como (4) mobilizam ao menos essas três metáforas primárias de forma interconectada.

- (4) a presença real dela agora transformada em mulher, antes em anjo radiante de mocidade e formosura, o havia deslumbrado e subjugado completamente, ameaçando deitar por **terra** toda a sua vocação clerical, e anular de todo o resultado dos esforços empregados pelos padres durante quatro anos de noviciado. (CHdP: O Seminarista, 1800s)

Em *deitar por terra toda a sua vocação clerical*, é definido um ponto mínimo a que pode ser lançada a vocação, que representa a sua extinção, o fim da vocação clerical. O *frame* de dano sofrido é acionado com o uso do arranjo [V por terra] à medida que *deitar por terra* indica eliminar, acabar, demover, e *terra* é o elemento tomado como ponto de anulação vocacional. Portanto, em (4), POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO ao mesmo tempo em que se mantém a ideia de um movimento para baixo, representado pelo evento de *deitar*. A associação entre o evento de movimento com trajetória para baixo e o acionamento do *frame* de dano sofrido traz à tona a concepção de que RUIM É PARA BAIXO, ao mesmo passo em que marca, por meio de projeções do domínio-fonte *terra*, o ponto de localização espacial que identifica, cumulativamente, a conclusão do intervalo temporal pelo qual durou da vocação clerical; esse ponto-de-fim é estruturado pela metáfora primária TEMPO É ESPAÇO – já que, conforme argumentamos, originariamente, o arranjo [V por terra] era empregado em contextos como o de (5), em que a ocorrência registra um deslocamento físico.

- (5) E, porque ho Ifante Dom Fernando, por ser doente, nom estava em desposiçam de hir por **terra**, foyssse por mar atee Tanger, com a frota (CHdP: Crónica de D. Duarte, 1400s).

Nesse caso, *ir por terra* aponta o deslocamento pelo espaço, com referência unicamente ao evento de movimento indicado pelo verbo *ir*. Diferente do que foi possível destacar anteriormente em (4), a ocorrência de (5) toma *terra* como porção territorial, terra firme, em oposição ao mar, denota de modo não figurado o deslocamento de pessoas pela terra, em uma trajetória longitudinal, ao longo de um percurso. O *frame* acionado nesse caso é de viagem/expedição, e não o de dano sofrido. Ainda outro uso do arranjo [V por terra] se destaca em contexto não metafórico, como podemos observar em (6).

- (6) O REPRESENTADOR: Não foram necessarios rogadores, nem arengas: o filho lançou-se por **terra** aos pes do pai, ele co's olhos cobertos d'agua alevantou-o, de hũa parte e da outra as lagrimas supriram por palavras. (CHdP: Estrangeiros, 1500s)

Nesse caso, o arranjo [V por terra], em seu sentido-fonte, não aciona o *frame* de dano sofrido, tampouco de viagem/expedição. Ocorre uma mudança de localização espacial, na disposição dos corpos (o filho *lança-se por terra* e é levantado pelo pai, em uma cena de reencontro), entretanto não há inferências que indiquem perda, deterioração ou outro elemento de valoração negativa. Isso difere do dado em (7), por exemplo.

- (7) Cortou-se dahi a alguns dias huma fermoza cruz que estava na praia de Arima, junto da qual se fazia o enterramento dos deffuntos e era ornamento da povoação e alegria para os christãos quando vinhão de mar em fora. Socedeo que, passando algum tempo depois de cortada e lançada por **terra** com abatimento e desprezo dos bonzos e mais gentios, que vierão dous homens cazados, moradores na mais propinqua rua que alli havia, os quaes tinhão retrocedido: (CHdP: Crónica de D. Duarte, 1500s).

A cruz lançada por terra indica, como resultativo, sua ruína, sua destruição. Nesse caso, mesmo sem ainda acionarmos a metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO, o sentido-fonte do arranjo [V por terra] em (7) sublinha o *frame* de dano sofrido, em que a cena de destruição é representada pela disposição final do objeto físico (resultativo), indicando que, lançada ao chão, no nível do solo, a mudança de localização espacial com trajetória para baixo indica uma mudança de estado para o objeto cruz: ao chão, está destruída, depredada. Ocorrências dessa ordem parecem abrir caminho para a metaforização que identificamos em (8) e (9), em que ainda há elementos de sentido mais concreto, que comportam esse traço semântico, até chegarmos à figuratividade de usos como (10), de natureza abstrata, integralmente estruturados a partir de POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO.

- (8) Dir-se-ha da grãde destruição como foy a dos sybaritas cuja bargantaria foy causa de serem postos por **terra** * sybaritae per plateas. (CHdP: Dicionário de Latim-Português 3, 1500s).
- (9) assi se assentou Filomesta sobre seu cavalo morto, depois de muito bracejar e manear das armas, olhando como tinha abatida e lançada por **terra** a bravura de seus inimigos (CHdP: Saudades, 1500s).
- (10) Mas, se o plano de derrubar o regime correu como o previsto, o mesmo não aconteceu com o plano militar de encontrar armas de destruição massiça. Os soldados da coligação não encontraram vestígios de armas químicas ou biológicas em território iraquiano, o que deitou por **terra** um dos principais argumentos a favor da ofensiva militar no Iraque (CHdP: Guerra contra o Iraque, 1900s).

Em (8), o sentido metaforizado ainda recupera, em alguma medida, a queda concreta dos *sybaritas*, que foram vencidos, dominados (a queda dos corpos em batalha antecede a queda do povo). Nesse caso, *terra* é tomada como ponto de culminância do evento de subjugação (TEMPO É ESPAÇO), novamente registramos trajetória para baixo e *frame* de dano sofrido (RUIM É PARA BAIXO, além de POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO). Análise similar podemos estender a (9), em relação a lançar por terra a bravura dos inimigos, já que a queda figurativa e abstrata da bravura coincide com a queda física e concreta dos inimigos em batalha. Por outro lado, (10) não guarda lastro com nenhum elemento que possa indicar uma movimentação física para baixo, tampouco um deslocamento pelo espaço (evento de movimento com trajetória). Esse uso ilustra a concretização da metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO, em que *deitar por terra um dos principais argumentos* marca metaforização completa da trajetória para baixo, do *frame* de dano sofrido e, ainda, registra a interação com outra metáfora primária – DISCUSSÃO É GUERRA – realçando os sentidos de [V por terra] como eliminar ou vencer e de *terra* como ponto de desmantelamento, de fim. Essas diferenças sugerem que podemos estar diante de um *continuum* de metaforicidade do arranjo [V por terra], como propomos a seguir, na seção de análise.

Análise e resultados

No português, a sequência formada por um *verbo* + o sintagma nominal preposicionado *por terra* tem sido associada a diferentes funções, conforme observamos nos dados coletados no Corpus Histórico do Português. Foram encontradas, ao todo, 779 ocorrências, compreendendo os séculos XIV a XX. Em 63 desses trechos, o arranjo [V por terra] já passou pelo processo de construcionalização e pode ser interpretado em sua nova forma e função. Em 659 ocorrências, interpretamos este mesmo arranjo sendo utilizado em sentido referencial, dicionarizado, e, nos 57 exemplos restantes, observamos que [V por terra] aparece com sentido metafórico (extensão de sentido), dos quais trataremos no decorrer do texto. Detalhamos essas informações no quadro abaixo, por século:

Quadro 1- Contextos de uso da sequência [V por terra].

| | SÉC. XIV | SÉC. XV | SÉC. XVI | SÉC. XVII | SÉC. XVIII | SÉC. XIX | SÉC. XX |
|--------------------------------|--------------|--------------|--------------|-------------|-------------|--------------|-------------|
| Com sentido referencial | 63 (100%) | 67 (100%) | 149 (84%) | 72 (78%) | 43 (84%) | 175 (83%) | 90 (78%) |
| Com extensão de sentido | - | - | 24 (14%) | 18 (20%) | 5 (10%) | 8 (4%) | 2 (2%) |

| | | | | | | | |
|--|----|----|-----------|-----------|-----------|-------------|-------------|
| Nova construção | - | - | 5 (2%) | 2 (2%) | 3 (6%) | 29 (13%) | 24 (20%) |
| Total de ocorrências por século | 63 | 67 | 178 | 92 | 51 | 212 | 116 |

Fonte: elaboração própria

Estamos tratando como sentido referencial os usos em que o sintagma nominal “terra” pode ser interpretado de acordo com as definições trazidas pelo dicionário Houaiss para o verbete. No quadro abaixo, apresentamos os usos conotativos para a palavra “terra”, observados no corpus coletado⁵.

Quadro 2- Significados referenciais atribuídos ao verbete terra

| SIGNIFICADO | Nº DE OCORRÊNCIAS | EXEMPLO |
|---|--------------------------|---|
| 1. chão, solo. | 226 | O sangue refluíu-lhe todo ao coração quando reconheceu a letra de Barbosa no subscrito liso, do papel diplomata(...). Arrancou-a violentamente da mão do moleque, deixando cair por terra os jornais, que não curou de erguer: acolheu-se ao seu quarto, apenando-a de encontro ao seio (CHdP: A carne, Julio Ribeiro, 1888). |
| 2. a superfície sólida da crosta terrestre em oposição ao mar ou ar, via terrestre. | 170 | E as barquas em que embarquamos eram duas as quaees estavam liadas pera que podeseamos jr juntos, afora outras muitas barcas em que hia outra mujta gente. Da que hia por terra nam diguo nada que era jnfindisima a quall vinha toda a nos ver, e por este rrio hiriamos obra duûa legoa (CHdP: Diário da viagem de Vasco da Gama, 1498). |
| 3. local, região, território. | 158 | E foi (segundo se crê) a primeira terra que tomou e onde fez muita cristandade a cidade e reino de Cranganor; daqui passou a Coullão e, |

⁵ As definições foram reproduzidas da página online do dicionário Houaiss. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#1. Acesso em: 15 jun. 2024.

| | | |
|--|----|--|
| | | <p>convertidos muitos, atravessou os montes pregando pela terra dentro até vir a dar na outra costa oriental do Indostão onde na cidade de Meliapor e todo o reino de Choromânde trouxe a Deus grande multidão de povo (CHdP: História da vida do Padre S. Francisco Xavier, Lucena, 1600).</p> |
| 4. porção de terreno que pertence a alguém; domínio, propriedade. | 48 | <p>Em Alemanha se armam todos os príncipes; não se sabem os intentos; fervem as negociações. Tem-se por certo o casamento do imperador com a princesa Inspruch, e que fará a viagem com grande rodeio por não passar pelas terras de outro príncipe. El-rei de França já fica em campanha, e o príncipe de Condé em Utreque (CHdP: Cartas. Pe. Antonio Vieira, 1626).</p> |
| 5. território geograficamente delimitado e habitado por uma coletividade com história própria; país. | 16 | <p>O rapaz grandalhão pagou a ofensa com um tiro, fugiu por terras de Espanha, escondeu-se em França, e a guerra foi ali buscá-lo (CHdP: Minas de San Francisco, Fernando Namora, 1946).</p> |
| 6. planeta do sistema solar. | 15 | <p>Se este eixo estiver inclinado em relação ao eixo de rotação da estrela, o raio que contém a radiação electromagnética descreve um círculo que pode ser intersectado pela Terra (CHdP: Pulsar, 1900).</p> |
| 7. grande extensão de terreno. | 13 | <p>Ainda mais mandava que quaaesquer que andassem em avito d'ermitaães pedindo pella terra fértil , sem trabalhando per suas mãos em cousa per que vivessem, que lhes mandassem e fossem costringidos que husassem de mester da lavoira ou servissem os lavradores (CHdP: Crônica de Dom Fernando, Fernão Lopes, 1440).</p> |

| | | |
|--|----------|--|
| <p>8. diversas partes do globo terrestre.</p> | <p>8</p> | <p>Não faltarão pela terra outros inventores desses alambiques bem escusados. Apolo - Ora já parece muito que, metendo-vos por minha casa, eu não mostre que sou vivo (CHdP: Apolo, Francisco Manuel de Melo, 1665).</p> |
| <p>9. mundo físico, experiência terrena.</p> | <p>3</p> | <p>À maneira que ela se afastava, parecia-lhe maior, mais bela: e aquela imagem falsa e literária de uma deusa marchando pela terra prendia-se-lhe à imaginação (CHdP: Os mais, Eça de Queiroz, 1888)</p> |
| <p>10. lugar ou localidade em que se nasceu ou em que se habita.</p> | <p>1</p> | <p>Alto lá, que o capitão é cá do Ceará, nascido em Inhamuns, na fazenda das Araras, onde morava o defunto coronel, antes de vir para o Bargado, disse Raimundo, acudindo pela terra natal. - Cá para mim que sou de Pajeú de Flores, tudo é Pernambuco, Raimundo, quer tu queiras, que não! (CHdP: O vaqueano, Apolinário Porto-Alegre, 1872).</p> |
| <p>11. torrão natal; pátria.</p> | <p>1</p> | <p>A verdade é que a obra deste homem que desenha desde criança e que comprou a primeira caixa de aquarelas aos 14 anos e de óleos aos 18 está por tudo quanto é sítio, quer em Portugal, quer além-fronteiras. A começar pela terra que o viu nascer - Santa Maria da Feira - onde mais de 40 trabalhos respiram numa sala (com o nome do pintor) que traduzem e interpretam o que de melhor tem saído das suas mãos (CHdP: A arte e as palavras, 1900).</p> |

Fonte: elaboração própria.

É interessante observar que o uso da palavra “terra” com o sentido de superfície sólida da crosta terrestre, em oposição ao mar, está concentrado principalmente nos séculos XIV, XV e XVI, pois o Corpus Histórico do Português tem como fonte muitos textos de crônica histórica, escritos em um contexto de navegação e exploração, como em (11).

- (11) Estas cousas amdarom asy antes que se viesem a comvir que viesem sobre a çidade. E fizeram pauto que, se a çidade fose tomada, que a metade fose del-rey e a metade dos estranjeyros. E loguo, sem mais tardar, **partiom per terra** e a frota per mar, a cerquar Lixboa (CHdP: Crônica de Portugal, 1419).

No exemplo acima, a palavra "terra" está sendo usada no sentido de "via terrestre" ou "por terra firme", em contraste com a frota que partiu "per mar" (por mar). O trecho descreve a estratégia de um cerco, onde um grupo parte por terra enquanto outro grupo, a frota, parte pelo mar para cercar Lisboa.

O arranjo [V por terra] em contextos-fonte, ou seja, quando há a manutenção dos sentidos mais prototípicos e concretos dos itens, está ancorado principalmente no *frame* de deslocamento espacial. O sintagma preposicionado "por terra" tem função sintática de complemento circunstancial, um complemento de natureza adverbial indispensável a construção do verbo que, nesse caso, indica o modo como o deslocamento ocorreu. Da mesma forma, vimos isso ocorrer com verbos de movimento como ir, vir, partir, entrar, chegar, seguir, caminhar, transportar, conforme observado no *corpus*, quando o sentido retratado para "terra" é de território, região (especificada ou não).

Quando o nome "terra" pode ser interpretado como solo ou chão, a categoria mais frequente de verbos que preenchem a posição do esquema também é de mudança de lugar. Nesses casos, o sintagma preposicionado "por terra" também exerce a função sintática de argumento verbal, agora com a função semântica de locativo, como em (12).

- (12) O animal pulou de lado, quase que **deitando por terra** o cavaleiro. Vitorino, aprumando-se, gritou: - Bando de cachorros! Um moleque escondido atrás duma moita de cabreira apareceu de repente na frente do animal para espantá-lo (CHdP: Fogo morto, José Lins do Rego, 1943).

No exemplo acima, "por terra" sinaliza o local em que se encontraria, caso a ação tivesse se concretizado completamente, o sintagma nominal "cavaleiro", que sairia da posição "sobre o cavalo" para o chão. Nesses casos, o sintagma preposicionado indica o ponto final, a culminação do evento expresso pelo conteúdo semântico do verbo, reforçando o deslocamento e marcando o ponto de término do movimento, tendo, portanto, propriedades télicas.

Observamos que o sentido com o qual o nome "terra" foi utilizado no contexto determina as características do verbo que preenche a posição variável do esquema e, além disso, defendemos a ideia de que foram as extensões semânticas desse sintagma que culminaram na construcionalização do esquema [V por terra].

As extensões de sentido que verificamos, de acordo com os dados do corpus, partem sempre do sintagma nominal "terra" sendo utilizado como referência a solo ou chão. A primeira

extensão de sentido verificada é bem específica e está relacionada ao argumento “olhos” , como em (13):

- (13) Trabajay muyto por hyr de cas em cas a pedyr cos olhos **postos por terra** por que assy se faz a guerra Para melhor vos saluar sede muy mexeryqueyro dús & doutros mormurar & o goardiam louuar em tudo muy por ynteyro. Fij De garçia de reesende. Falay mansso & de vaguar & souuerdes de rrezar seja alto & de maa mente & fazeyuos muy çyente por molheres confesar (CHdP: Cancioneiros de Resende, 1516).

No contexto acima, a expressão “com os olhos postos por terra”, refere-se ao ato de andar com os olhos voltados para baixo. Entretanto, há uma extensão de significado metonímica, que sugere uma postura corporal humilde ou submissa. Trata-se de um conselho para agir de maneira modesta e discreta enquanto se pede de casa em casa, possivelmente para evitar parecer confrontador ou orgulhoso. Portanto, “olhos postos por terra” significa olhar para o chão como um gesto de humildade. Agora, analisemos o trecho (14):

- (14) 200 soldados em oito fustas, que com grande valor entrarão a çidade, Jnda que acharão grande reziztençia, e como toda he cuberta de ollas, que ardem como estopas, foy logo entregue ao fogo e no meo dele, fizerão os nossos grande estrago na gente da terra e nos palmares e fazendas que lhe cortarão, e pozerão por **terra** o que fizerão por cinco dias continuos, em que desembarcarão todas as madrugadas (CHdP: Década oitava da Ásia, Diogo Couto, 1564).

A palavra “terra” no contexto apresentado é utilizada no sentido de destruir ou devastar completamente uma área. A frase diz que os soldados fizeram grandes estragos, arruinando tudo que encontraram, de forma a deixar ao nível do solo, simbolizando completa devastação. Neste exemplo, temos a metáfora POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO. Exceto o caso apresentado em (3), em todos os usos metafóricos que envolvem a sequência [V por terra] temos a conotação de destruição. Esse contexto envolve principalmente construções ou cidades inteiras.

- (15) Este imperio Chim se lé que foy sempre corrêdo por direitas successoës de hus Reys nos outros desde aquelle tẽpo até hua certa idade, que, segundo parece pela nossa conta, foy no anno do Senhor de mil & cento & treze, & então foy esta cidade do Pequim entrada de inimigos, & assolada, & **derrubada por terra** vinte & seis vezes, mas como ja neste tẽpo a gente era muyta, & os Reys muyto ricos, dizem que o que então reynaua, que tinha por nome Xixipaõ, a cercou toda em roda da maneyra que agora está em vinte & tres anos (CHdP: Peregrinação, Fernão Mendes Pinto, 1603).

O texto (15) nos diz que a cidade de Pequim foi posta por terra vinte e seis vezes por inimigos. Essa informação nos sugere uma imagem de devastação e temos um nítido exemplo da metáfora orientacional RUIIM É PARA BAIXO. *Estar ao chão* encapsula a ideia de

destruição, de perda total ou fim absoluto. Além disso, evoca um sentimento de derrota e de retrocesso aos esforços anteriores. Dessa forma, a força dessa imagem também está em seu contraste: a construção, que requer tempo, esforço e cuidado, é oposta à destruição, que pode ser rápida, violenta e definitiva.

Essa relação com o tempo é muito importante para compreendermos a expansão de sentido que ocorre com a expressão [V por terra]. Muito associada a verbos de mudança de posição espacial em seu sentido fonte, esse movimento no espaço físico transforma-se em movimento no tempo, acionando a metáfora conceptual TEMPO É ESPAÇO. A partir da interpretação de que a terra é um limite físico para algo que é posto abaixo, construímos a noção de limite temporal no qual a terra é a barreira temporal durativa de algo que estava construído, existia no mundo, para algo que foi destruído, deixou de existir – o fim de um intervalo de existência ou duração. A partir dessas noções conseguimos compreender o uso de [V por terra] em (16).

- (16) Ângelo, o primeiro homem que ela amava, repelia-a, como quem repele um réptil venenoso! Todos os sonhos daquele seu primeiro amor **ruíram por terra**, antes mesmo de bem vingados. Oh! como nesse momento Alzira desejava ser pura! (CHdP: A mocidade de D. João V, Rebelo da Silva, 1851).

Conforme vemos em (16), os sonhos de amor de Alzira foram arruinados após ter sido rejeitada por Ângelo. Temos uma ideia de fim, de término, associada ao domínio da destruição, mas ordenada temporalmente, o que pode ser inferido até mesmo pelo uso da preposição “antes”, que sucede o arranjo [V por terra]. Assim como podemos visualizar seu estado amoroso antes e depois do evento: os sonhos e esperanças de Alzira não tinham duração definida até ruírem por terra e terem um fim. A construção [RUIR POR TERRA], no contexto de uso observado em (16), tem um novo sentido convencionalizado, o sentido de término, conclusão de um evento, mudando o estado das coisas.

Com o passar do tempo, observamos mais uma extensão de sentido sendo atribuída a esse arranjo: a ideia de completa invalidação.

- (17) "Uma mulher honesta" protestava o Loureiro. Infâmias era o que se diziam da pobre senhora, infâmias que **caíam por terra**, ante o indefectível procedimento de D. Amanda! (CHdP: A normalista, Adolfo Caminha, (1893).

Em (17), quando o texto diz que as "infâmias caíam por terra", está-se utilizando a imagem de uma estrutura que desmorona para ilustrar como as calúnias contra D. Amanda foram completamente invalidadas e desacreditadas, pois não resistiram a sua conduta e perderam qualquer credibilidade.

No quadro abaixo, sintetizamos as mudanças construcionais de sentido observadas no arranjo [V por terra].

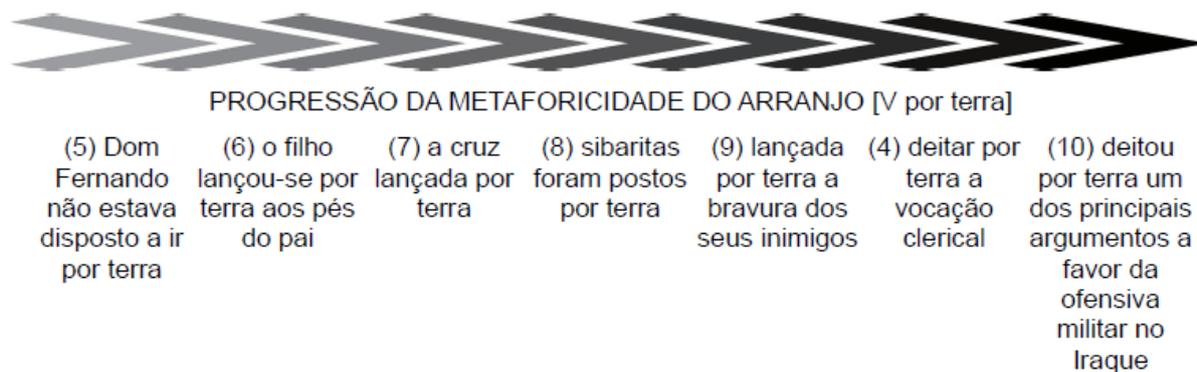
Quadro 3 – Aspectos semânticos da mudança construcional em [V por terra]

| Sentido fonte | Sentido metafórico acrescentado | Novo sentido convencionalizado |
|---|---|---|
| chão, solo | destruição | fim absoluto, invalidação, rejeição, ruína |
| deslocamento no espaço (cima para baixo ou ao através de) | deslocamento no espaço (da posição vertical ao nível do chão) | deslocamento no tempo, fim da duração de um evento, término |

Fonte: elaboração própria

A partir dos aspectos destacados pelo Quadro 3, e retomando os dados discutidos anteriormente na seção sobre metáfora, propomos a seguinte representação para o que acreditamos ser um movimento possível para a mudança semântica do arranjo [V por terra], partindo de usos em contexto-fonte até chegarmos a usos mais abstratos, os quais representam novos pareamentos entre forma e função consolidados.

Imagem 1: Continuum de metaforização do arranjo [V por terra]



Fonte: elaboração própria

A representação da Imagem 1 modula uma progressão de metaforicidade, iniciada pelos casos de [V por terra] em (5), (6) e (7), notadamente indicando movimento por via física, concreta, em estruturas com verbo pleno de movimento e, ainda, “por terra” como satélite que indica o modo de movimento ou o ponto final de uma mudança de localização espacial. Ainda que haja similaridades, aspectos semânticos bem específicos diferenciam esses casos, como o *frame* de viagem/expedição acionado por (5) ou o *frame* de dano sofrido acionado por (7),

ao passo que (6) não guarda relação imediata com nenhum desses *frames* (em (7), o enquadramento conceitual é de reencontro familiar).

Em continuidade, gradativamente elementos mais abstratos vão entrando em cena e, ainda que haja inferência de elementos de sentido mais concretos, elementos que comportam traços semânticos relacionados ao sentido-fonte não figurativo, há elementos proeminentes que são abstratos. Esse é o caso de (8) e (9), por exemplo, em que, respectivamente, *sibaritas foram postos por terra* indica uma dominação e queda política e econômica, mas com consequências físicas e concretas, e é *lançada por terra a bravura de seus inimigos*, finda a bravura enquanto sentimento (elemento abstrato) ao mesmo tempo em que finda a própria existência dos inimigos, cujos corpos *caem por terra*, podemos dizer.

O *continuum* segue até chegarmos à figuratividade dos usos em (4) e (10), de natureza essencialmente abstrata, estruturados a partir de POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO. Nesses últimos estágios, não vemos uma inferência que seja direta a elementos concretos de viagem/expedição ou de localização espacial (por terra = ao nível do chão). Em lugar disso, temos as inferências de limitação temporal, finitude (especialmente para (4)) ou mesmo de aniquilação (especialmente para (10)). Processos como esse não são exceção no campo de fenômenos envolvendo metáfora e metonímia conceitual, conforme já apontava Silva (2003, p. 18), ao destacar casos de metaforização em que há “transição gradual da literalidade para diferentes graus de figuratividade”.

Considerações finais

Partindo do pressuposto de que a construção é o *locus* da mudança linguística, as análises diacrônicas capturam a direção e a forma dessas mudanças, levando em conta o envolvimento comunicativo dos falantes em situações discursivas concretas e o papel dos princípios cognitivos gerais na facilitação de novas conceitualizações.

Neste artigo, defendemos a construcionalização do arranjo [V por terra] que, conforme Traugott e Trousdale (2013), passou por uma sucessão de passos convencionalizados que afetaram as dimensões internas da construção, resultando na criação de um novo pareamento forma-sentido. Conforme nosso objetivo, focamos no percurso das mudanças de sentido, particularmente no papel da metáfora nesse processo.

Através dos dados coletados, acompanhamos, no decorrer do tempo, a mudança do arranjo [V por terra] como uma construção ligada principalmente ao deslocamento espacial ou localização para uma construção aspectual, que marca o término de um evento. O início da expansão semântica deu-se com o nome “terra”, que passou a designar não só uma parte da superfície terrestre, mas um ponto de culminação para uma mudança de posição e, conseqüentemente, mudança de estado. Neste ponto da variação linguística, observamos a atuação de três metáforas primárias, sendo duas delas base para o mapeamento conceitual

(TEMPO É ESPAÇO e RUIM É PARA BAIXO) e uma terceira metáfora primária derivada a *posteriori*, que representa as novas funções do arranjo (POR TERRA É RUÍNA/TÉRMINO).

Essa mudança trouxe novos usos para a sequência [V por terra]. O emprego de “terra” como um ponto final para uma mudança de posição e a culminância de uma ação (destruição) leva este nome a representar, juntamente com o verbo, o ponto de término de um evento ou a invalidação de uma ideia. A mudança aspectual está relacionada ao tempo interno do evento, sendo que “terra” passa a ser compreendida como o ponto dessa mudança. Sendo assim, no novo sentido construcionalizado, o deslocamento espacial descrito nos usos referenciais do esquema [V por terra] passa a ser interpretado como um deslocamento temporal com culminância/término. Essa mudança é favorecida pelo conhecimento compartilhado de que TEMPO É ESPAÇO.

Nesse ponto, o sentido da construção não é mais previsível através de suas partes e a frequência desse padrão linguístico, com o novo sentido, demonstra que ele é armazenado como uma construção separada. O uso de um padrão específico é ao mesmo tempo resultado e força modeladora da estrutura, dessa forma, temos um caso em que aspectos regulares do contexto se tornaram convencionalizados e portanto parte do próprio sistema linguístico.

Referências

BARDDAL, J.; GILDEA, S. Diachronic construction grammar: epistemological context, basic assumptions and historical implications. In: BARDDAL, J. *et al.* (eds.). **Diachronic construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 1-50.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press, 2010.

DIESSEL, H. **The grammar network**. How linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Science**, University of Illinois, v. 7, p. 219–224, 2003.

HILPERT, M. **Constructional change in english: Developments in allomorphy, word formation, and syntax**. Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, M. **Ten lectures on diachronic construction grammar**. Leiden: Brill, 2021.

HOFFMANN, T. From constructions to construction grammars. In: DANCYGIER, B. (ed.). **The Cambridge handbook of cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 284–309.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

SILVA, A. S. da. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 7, fasc. 1-2, p. 13-75, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre as autoras

Morgana Fabiola Cambrussi

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7061-6981>

Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul, vinculada ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, nos quais orienta trabalhos de ensino, de pesquisa e de extensão. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009).

Adriana Hoffmann

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7335-0648>

Possui graduação em Letras - Português/Espanhol pela Fundação Universidade do Contestado - Campus Caçador (2003) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (2014). Doutoranda em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó/SC. Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Catarinense, Campus Videira/SC.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.